



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

“*Bullying* como expressão da violência ocultada”

Marcia Campos Rodrigues

Rio de Janeiro, março de 2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

Trabalho realizado como requisito parcial para
Conclusão de Curso em Serviço Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Bullying como expressão da violência ocultada”

Marcia Campos Rodrigues

Orientadora: Rosana Morgado

Agradecimentos

Eis que começo a parte que pensei ser a mais fácil do meu trabalho, estava de fato enganada. Pensar, lembrar, apontar e agradecer as pessoas que fizeram parte desse momento tão único dessa trajetória não é tarefa simples.

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de estar nesse mundo, conseguir chegar até aqui, e por ter me dado força nas diversas vezes em que pensei que não iria conseguir (que não foram poucas).

A seguir as palavras se embaralham para conseguir agradecer a pessoa mais importante e presente na minha vida, que desde o início foi quem me deu forças e o apoio necessário para que meu sonho se tornasse real, minha mãe. A mulher mais maravilhosa desse mundo, que não poupou esforços, se sacrificou e fez tudo por mim. Meu exemplo e orgulho de toda vida. E se hoje consegui, devo totalmente à ela. Te amo.

A minha família que sempre torceu e ajudou como pôde. Em especial meu pai, mesmo distante esteve presente quando necessário. Meus tios queridos Roberto, Ana Paula e Terezinha, minhas primas Carol e Beatriz, e minha avó, que são essenciais em minha vida, sempre participaram da minha formação, e me socorreram quando precisei.

A todos os meus amigos de Campo Grande, dos quais me ausentei por diversos momentos devido a correria da faculdade, mas quando voltava para casa me recebiam da mesma forma. Ju Valim, Bia Veras, Maria Clara, Maria Isabel, Tainá Daflon, Renata Dantas, Anita Ribeiro, Bruno Lopes, Mariana Vianna, vocês mais ainda em especial por nada ter mudado e sempre terem dado mais leveza aos meus

fins de semana, e ainda assim, conseguiram mesmo que um pouco participar da minha formação. Vocês são lindos.

Como poderia não lembrar dos dois presentes que ganhei graças a UFRJ? Minhas irmãs do coração Mariana Mota e Natália Sant'anna. A Mari que desde o início da faculdade moramos juntas, enfrentando os dilemas de estar longe de casa, problemas de cotidiano que nos fizeram crescer e amadurecer, e estarmos mais próximas sempre... E a Naty que conhecemos depois, e que nos ensinou tanto a sermos pessoas mais responsáveis, tendo ela como nosso exemplo de esforço e garra de correr atrás de tudo que quiséssemos. Mesmo quando deixamos de morar juntas, nunca deixaram nada mudar, pelo contrário, continuo morando junto, só que longe. Sem dúvidas são irmãs para toda a vida.

Minha companheira de estrada Malu Vale. Essa sim, amiga desde o princípio, de todas as descrições que eu fizer, ou que houver, a única pessoa que pode entender tudo que passei, senti até hoje, é ela. Ah, com certeza a decisão de mudar de faculdade tomou uma leveza por ter você junto. Depois o primeiro estágio, as aulas, e para fechar o último estágio. Não tem jeito, terminaremos sempre próximas. E isso me acalma e me deixa muito feliz. Tenho muitíssimo que te agradecer para além da amizade, por tudo que sempre ajudou. Conseguimos amiga!

Lembrando das pessoas especiais da faculdade só poderia pensar nela, Elis Lago, o que seria de mim sem ter essa garota na minha vida? Sinceramente não sei. Amiga na mais perfeita descrição da palavra. Sempre atenciosa, preocupada, presente, e quem mais me alegrou no sentido literal, pois tudo se torna muito mais engraçado junto dela. Dos assuntos mais sérios aos mais bobos, é quem melhor entende. Você sim é um presente amiga! E se desde o início eu sabia que era

essencial, nos últimos momentos de tcc, foi mais do que fundamental, parte dele.

Obrigada é pouco!

Além das já citadas, diversas pessoas conheci nesses anos, algumas desde o início, outras mais pro final da graduação, porém enumerar todos seria impossível. Então represento pelas mais presentes. Magda Barreto e Maria Catharina minhas transferidas do coração. Carol Espírito Santo, Michele Ell Shaer, Penélope Mora, Helena Piombini...Adoro vocês.

Com muito carinho também preciso agradecer a todos supervisores e/ ou assistentes sociais que tive nos estágios, Simone Nogueira, Raimunda, Ana Ruth, Waldirene Paiva, Amanda Belo e claro minha querida e última supervisora Jennifer Christie, com quem muito aprendi sobre prática profissional, sobre a área da educação, assistência estudantil, que são temas tão pouco vistos na graduação, e que pude ter o prazer de aprender muito na prática, e com exemplos de peso como referência. E Jennifer obrigada de coração pela pessoa maravilhosa, e também profissional que é, me faltam palavras para te agradecer pela amizade e por tudo que foi na minha formação.

E por fim, e claro não menos importante, minha orientadora Rosana Morgado, uma pessoa tão querida e que sempre admirei como profissional desde as primeiras aulas que tive, e como a pessoa maravilhosa que é. O meu muito obrigado pela paciência que precisou quando eu travava ou quando eu estive nervosa querendo fazer tudo, não conseguia nada e pensava que não conseguiria mais, pelos inúmeros ensinamentos, pelo carinho... por tudo! E também a Joana Garcia, que sempre ouvi falar tão bem, e resolveu aparecer com um “guincho” nos 45 minutos do segundo tempo para me salvar. Serei eternamente grata por gastar seu tempo comigo. Vocês duas são magníficas!

E então agradeço a banca pelo convite aceito, e por participar desse momento tão importante para mim.

“O segredo não está no que
você diz, mas na maneira
como você diz.” (Paulo Coelho)

Resumo

Esta monografia de conclusão de curso propõe uma reflexão acerca da violência e suas ramificações no ambiente escolar. Tratamos do fenômeno *bullying* e suas dimensões, como o *cyberbullying*, assédio moral e o trote universitário. Procurou-se aqui discutir os extremos de um problema que quando não tratado, pelos profissionais e/ou pais/responsáveis, pode se agravar e vir a acarretar sequelas enormes na vida de quem é vítima.

É importante conhecer e reconhecer todos os atores envolvidos em sua prática e entender que uma simples “brincadeira”, aos olhos de muitos, pode ter seqüelas profundas, portanto é algo que deve ser levado a sério e ter a devida atenção que o assunto requer.

A sociedade necessita dar a devida importância ao *bullying*, por esta razão a presente monografia tem por objetivo contribuir com a produção bibliográfica sobre o assunto.

Palavras chave: *Bullying*, violência e jovens

Índice

Apresentação	10
1.1 Violência no ambiente escolar	17
1.2 Violência no ambiente universitário	19
1.3 Violência no ambiente de trabalho – Assédio moral	21
Capítulo 2 - Caracterizações e distinções do tema	23
2.1 Aproximando-se dos conceitos	24
2.2 Histórico	30
2.3 Conhecendo os personagens envolvidos	33
2.3.1 Vítimas	35
2.3.2 Agressores	37
2.3.2 Espectadores	38
Capítulo 3 - Casos distintos em meio ao fenômeno	41
3.1 Superação – Casos de Famosos	42
3.2 Suicídio – Casos de Repercussão na mídia	45
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	54

Apresentação

O estudo a ser desenvolvido reporta-se a um tema que preocupa imensamente parte dos pais e profissionais da área da educação: o *bullying*, termo que se origina da palavra inglesa *bully*, significando “valentão”, “brigão”. Na língua portuguesa não existe uma tradução própria, mas se entende como ameaça, maltrato, humilhação, tirania.

A identificação com o tema desse trabalho de conclusão de curso surgiu primeiramente pelos dois estágios que fiz durante a graduação na área de Infância e Juventude, principalmente pelo último também na área da Educação. Os debates em sala de aula junto as reflexões também foram de imensa importância para a escolha do tema. Primeiramente por me sentir próxima da discussão e em seguida por ser uma área pouco explorada durante a graduação, onde sempre sentia que faltava estudar um pouco mais sobre determinados assuntos, entre eles o *bullying*. Fenômeno que precisei lidar em um dos meus campos de estágio.

Como meu segundo estágio era extracurricular, e assim não cursava mais a disciplina de OTP (Orientação e Treinamento Profissional) para ter um acompanhamento direto com um professor, ao buscar literatura que pudesse me auxiliar, comecei a ter mais contato com a temática do *bullying*. Porém eu achava que sempre era visto de maneira bem superficial em grande parte dos materiais da Educação, comecei então a pesquisar mais, em textos específicos do assunto.

No meu campo de estágio, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na parte da assistência estudantil, diversos alunos chegavam com demandas de problemas de relacionamento nos alojamentos, a partir das entrevistas, em alguns casos constatava-se o *bullying* tanto nos alojamentos, como no meio universitário

geral. Contudo, o que mais me chamava atenção, era o fato de muitos alunos chegarem para as assistentes sociais afirmando que sofriam *bullying*, o que durante um determinado período foi muito frequente. No entanto, ao realizarmos o atendimento em mais de 90% dos casos não passavam de problemas pontuais de relacionamento, assim não caracterizando-se como *bullying*, pois não eram repetitivos, e sim casos isolados.

Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. (SILVA, 2010, p. 21)

Com esses relatos surgiu a motivação de estudar mais profundamente o assunto para que além de levar respostas a esses alunos que nos procuravam, pudesse entender a respeito de algo cada vez mais recorrente, mas visto de maneira errada pelas pessoas que levavam a demanda até os profissionais envolvidos.

O diferencial que despertou meu interesse em um primeiro momento era o fato de ocorrer dentro de uma Universidade, com alunos que passaram por todo período escolar até o Ensino Médio, e como eles chegavam lá? Será que sofriam *bullying* desde a escola? Será que estavam lidando com tal problema pela primeira vez? Será que ao invés de vítimas em algum momento foram os agressores, e com a mudança para o ambiente universitário o papel foi invertido? Eram diversos questionamentos, e que aos poucos obtive algumas respostas.

Todavia, infelizmente não pude continuar o trabalho como era meu objetivo inicial, que seria estudar sobre esse meio específico. Dentre várias adversidades, como mudança de setor por um tempo, fichas de alunos que precisavam ser entrevistados para a análise que estragaram após um temporal, o aumento de trabalho do setor que passou a exercer diversas funções, e muitos outros contratempos juntamente

com a falta de profissionais, fez com que eu parasse a pesquisa, pois não sairia com a qualidade que eu desejava e talvez não conseguisse finalizá-la. Assim, passei a escrever sobre o *bullying* de forma mais genérica, sem a especificidade do ambiente universitário.

Dessa forma para que se faça claro, é importante ressaltar que o *bullying* não acontece apenas nos ambientes escolares, mas em muitos outros setores que envolvem relações de amizade e profissão. No trabalho apresentado focaremos em suas ramificações no ambiente escolar, mas não deixando de apresentar seus variados tipos e ambientes.

A faixa de idade entre 11 e 14 anos, é a faixa que compreende os casos apresentados neste estudo, demarcando assim as séries de 5ª à 8ª. Faixa essa, que também foi usada pela ABRAPIA em sua pesquisa sobre o fenômeno, e que utilizo da mesma nas tabelas explicitadas.

Ademais acontece de diferentes formas, onde atualmente o *cyberbullying* é apontado como o mais perverso. Fato este que ocorre pela utilização cada vez maior da Internet, e traz ainda maior gravidade ao problema pela velocidade com que se alastram as notícias, e o alcance ilimitado de usuários que podem tomar conhecimento dos fatos.

É preciso evidenciar que pela Internet é bem mais difícil identificar o autor desse comportamento, pois ele não está agredindo o indivíduo frente a frente, está escondido e sentindo-se protegido por detrás de um computador. E em alguns casos mesmo o agressor sendo conhecido surgem algumas questões, como a dificuldade de afirmar quem é o autor desses atos devido ao anonimato, como também o temor vindo das vítimas que sentem medo de denunciar o culpado pelas represálias piores que podem sofrer futuramente.

Pesquisar sobre o tema mais uma vez mostra-se relevante por envolver vidas e muito sofrimento em seu contexto. Precisamos considerar que muitas vezes os professores não se dão conta de que determinado aluno modificou seu comportamento tornando-se mais arreadio, quase não participando das brincadeiras em grupo e também para os pais que não entendem as constantes desculpas das crianças/ adolescentes para não irem à escola.

É necessário primeiro entender, para então ser capaz de agir ou procurar a ajuda necessária. Porém, enquanto o *bullying* for visto como algo banal, e não tiver seu devido destaque, cada vez mais jovens sofrerão suas consequências, que pode durar uma fase determinada, mas também ter sequelas por toda sua vida.

Para melhor compreensão, o presente estudo será dividido em três capítulos: No primeiro capítulo discutiremos sobre o termo violência e suas manifestações. Enfocaremos a violência escolar, por entender que é o ambiente social onde os jovens estão iniciando de forma sistemática seu convívio em sociedade, e assim seu contato com as diferenças, conflitos... e como toda brecha para problemas futuros maiores, a importância do trabalho desde já será abordada.

No segundo capítulo serão apresentadas e problematizadas algumas referências usadas na fundamentação e elaboração deste estudo, com a discussão do tema a partir dos autores trabalhados. Para isso é preciso debater, e assim entender o *bullying* como um fenômeno amplo e complexo que aparece em diversas faixas etárias, e em escolas públicas e particulares, além de ambientes fora do escolar, causando sofrimento à vítima pelas ações repetitivas e podendo trazer problemas tanto no presente como futuramente. Ressaltando que é necessário intervir com todos envolvidos, tanto com a vítima, como com o agressor, testemunhas/ espectador e todo o ambiente vivenciado que necessita ser trabalhado.

E por fim no terceiro capítulo apresentarei casos de pessoas que sofreram *bullying*, e de alguma forma tiveram notoriedade, seja pela superação em sua vida adulta, onde os descritos no trabalho são pessoas hoje famosas no âmbito da arte e esporte, como também casos onde o suicídio foi considerado a saída para o sofrimento vivenciado durante longos períodos.

Senti a necessidade de expor esses casos propriamente, para levar as pessoas à reflexão da importância de debate e trabalho na temática, uma vez que os primeiros casos são de sucesso e seriam exemplos proveitosos, e os últimos de suicídio, para a ponderação dos riscos de não dar a devida atenção que o assunto necessita.

Nas considerações finais, aponto a importância da atuação interdisciplinar, como também o trabalho com as famílias dos envolvidos. Reiterando que a atuação dos profissionais de serviço social é significativa e valiosa lidando no dia a dia com os casos presentes no ambiente educacional.

Capítulo 1- Violência – um conceito multidimensional

A violência é um fenômeno sempre presente nas relações sociais, apresentando-se de diversas maneiras, envolvendo diversas faixas etárias, bem como assumindo contornos diferenciados quando associados aos condicionantes de classe, “assumindo contornos peculiares no ambiente escolar” (DALOSTO E ALENCAR). Ela se manifesta tanto por meio de atos físicos, como pela intimidação moral. O que não faz com que uma seja mais ou menos prejudicial a alguém, já que cada indivíduo é feito de particularidades, e cada um lida com determinada situação de uma maneira. Assim, o que para alguns é algo pequeno e/ ou indiferente, para outros pode ser o estopim para disseminar agressões, com aqueles que lidam com a situação de maneira a “bater de frente”, como também pode ocorrer casos de suicídio, com outros que acreditam não ter como fugir do problema.

Atualmente as pessoas andam “armadas”, e isso não se restringe a andarem com armas de fogo, mas “armadas” no sentido de parecerem estar sempre esperando ser atacadas para revidar, o que acaba gerando um ciclo de atitudes violentas. Daremos destaque, no presente capítulo, à prática da violência no ambiente educacional, denominado como *bullying*, e até mesmo o “trote”, comumente aplicado nas instituições de Ensino Superior, como veremos mais adiante.

Na concepção de Fante (2005), autora que se dedica ao estudo do *bullying* e trata do assunto pelo mesmo viés adotado neste trabalho, para se entender as causas determinantes do comportamento agressivo ou violento, é essencial conceituar os termos violência e agressividade:

Segundo alguns autores, o termo violência é complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador — social, econômico ou cultural —, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em consideração o seu nível de tolerância para com a violência. A Enciclopédia Larousse Cultural define violência como “ato de força, impetuosidade, acometimento, brutalidade, veemência”. Em regra, a violência resulta da ação, ou da força irresistível, praticada na intenção de um objeto que não se teria sem ela. Juridicamente, violência é uma espécie de coação, ou forma de constrangimento, posta em prática para vencer a capacidade de resistência de outrem (...) (FANTE, 2005, p. 154)

É relevante saber que esses são apenas alguns significados, e abordados de forma geral, conceitos importantes para serem compreendidos diante da temática do *bullying*, pois como todo estudo é necessário ir além do que a situação impõe, entendendo toda a extensão do problema e também alguns porquês. Assim, veremos a seguir algumas definições de agressividade:

O termo agressividade também é polissêmico, sendo empregado em diversas situações e com sentidos diferentes. De acordo com o Dicionário ilustrado Koogan/Houaiss, é “a forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem. (...) No dicionário Silva Bueno, o termo agressividade é conceituado como “qualidade de agressivo, capacidade para agredir”. Já o termo agressivo é definido como “ofensivo, que agride”; e o termo agressão como “ferimento, pancada, acometimento, provocação, insulto, ofensa” (FANTE, 2005, p.156)

Dessa maneira dentre tantas definições podemos entender violência como “todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (FANTE, p. 157).

Ao buscar definições de violência para este estudo, o conceito *bullying* esteve presente em várias bibliografias lidas. O que reitera a importância de compreender a violência como um todo para chegar nos seus tipos.

1.1 Violência no ambiente escolar

O cenário escolar merece uma atenção especial pelo fato de ser, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social de crianças e adolescentes. Como Abramovay observa:

Tratar de violências nas escolas significa lidar com uma interseção de objetos e seus significados. Isto é, uma perspectiva sobre uma determinada ordem e não simplesmente a superposição ou o somatório dos objetos: escola e violência. Essa é uma equação específica, pois envolve práticas sociais que, para serem compreendidas, requerem um olhar que não as reduza a meras extensões de práticas violentas ou de procedimentos escolares. (ABRAMOVAY, 2002, p. 94)

Definir o que se entende por violência escolar não é algo simples, trata-se de um objeto de estudo constante. Além dessas dificuldades em definir a violência, há outra tarefa, a de identificar quais atos devem ser considerados violentos e como podem ser evitados. Neste sentido, uma boa maneira de realizar ações positivas, é pensá-las a partir das diferenças entre os diversos tipos de violência que estão presentes na escola. (Ruotti, Caren, 2006)

Visto isto, percebemos a verdadeira importância de ampliar o diálogo nacional sobre o tema, entender e, principalmente trabalhar na prevenção da violência, para que haja um ambiente escolar, familiar e social mais saudável.

Salientando o elo do ambiente familiar, em alguns casos a vivência de violência no âmbito familiar pode se relacionar com a violência escolar, pela estreita relação entre ambas. Assim, percebemos que diversas formas de violência, sejam elas físicas, sexuais ou psicológicas no ambiente familiar podem refletir na vida escolar na forma de agressões ou apatia dos alunos. Cria-se um ciclo de atitudes, devido ao que a criança e/ou adolescente já vivencia em casa, e acaba tomando como algo normal, e assim reproduzindo no seu ambiente escolar. Lembrando que

nunca pode-se generalizar casos como sendo totalidade de um estudo, pois é preciso respeitar as singularidades de cada pessoa, contudo apontar dados significativos é importante.

A violência implícita, aquela tratada com certa indiferença pelos que compõem o ambiente escolar, pode ser muitas vezes, a geradora da violência direta. A mesma é considerada de menor importância, como uma brincadeira, por não ter uma consequência “direta” à vítima. Seria o caso da bagunça, discriminação, atitudes agressivas, não cumprimento das regras escolares... Segundo Caren Ruotti et al (2006): “esse tipo de violência é, normalmente, confundido com indisciplina ou brincadeira, trazendo graves consequências psicológicas às vítimas” (p. 37).

Sem focar em todas as formas de violência, porém com igual importância, devemos comentar que:

“A fim de subsidiar a compreensão das diversas manifestações que a violência assume nas escolas e sua estrutura física também é descrita e comparada, bem como examinado o controle do ingresso dos alunos e a disposição e qualidade das instalações físicas, que tornam as escolas mais ou menos vulneráveis ao acesso ao seu interior. Essa possibilidade de acesso vincula-se a dois dos maiores problemas da escola, quais sejam, as gangues e o tráfico de drogas” (ABRAMOVAY, 2002, p. 95)

As drogas são responsáveis em grande parte pela violência gerada pelo crime organizado e evasão escolar, e representam grande preocupação, tanto entre alunos quanto professores, influenciando a rotina e ameaçando fisicamente todos os que compõem a equipe escolar.

Devemos observar também que a assimilação da violência no círculo escolar muda de acordo com as circunstâncias do meio. Obviamente há um consenso sobre a definição da palavra, mas para um estudo mais aprofundado, no sentido de

prevenção e solução da violência, devem ser observadas algumas particularidades como idade, sexo, região, convívio familiar entre outros...

Esse estudo tem por objetivo conhecer o fenômeno e contribuir para avançar na prevenção e redução das práticas agressivas dentro das escolas.

“A urgência de deter o *bullying*, devido aos efeitos negativos imediatos e a longo prazo, para as vítimas e para os agressores, tem sido marco determinante de investigações assentes na descrição das vivências nas escolas.” (PEREIRA, 2002, p. 7)

1.2 Violência no ambiente universitário

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.” (FANTE, 2005: pág. 91).

Partindo inicialmente do trecho acima citado, percebemos que o fenômeno do *bullying* se refere a um comportamento cruel nas relações interpessoais. Contudo, apesar do mesmo ser associado ao ambiente escolar, essa relação onde os mais fortes ou “normais” dominam os mais fracos e “frágeis” ou “diferentes” não é exclusiva de determinados ambientes, e permeia também nas relações no âmbito universitário. Logo, este tipo de comportamento não está restrito ao espaço escolar em específico.

No que se refere ao ambiente universitário, o trote adotado com os calouros (alunos novos) é apresentado como uma brincadeira e/ou rito de passagem, festejando uma nova etapa na vida dos alunos universitários. Porém, a diversão por parte do veterano (aluno antigo), de maneira geral, é brincar, ridicularizar e expor esses alunos a ações constrangedoras em que são “indiretamente” obrigados a participar, para que assim possam se enturmar com esse novo grupo, já que a

princípio é uma forma de iniciação dos novos alunos. No entanto, caso não participem, mais a frente podem ser excluídos por alguns ou até sofrer consequências piores.

A ação do trote em si não pode ser considerada como *bullying*, por se tratar de um evento único. Contudo, ele pode sim ser o início das práticas quando o aluno a partir dali passa a ser marcado e as ações permanecem. Pode ser tanto por não ter participado e ter ficado marcado, ou por participar e ter sua desenvoltura exposta. A autora Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), aponta algumas características do *bullying* decorrente do trote, e como ocorre mais a frente:

Isso ocorre, principalmente, pelo fator medo, que tende a se tornar um receio constante de que um novo ataque de violência volte a acontecer. Não raro a vítima de um trote maldoso procura evitar qualquer tipo de situação em que exista a possibilidade de ser alvo de constrangimentos ou humilhações. Assim, ela deixa de fazer perguntas aos professores, de manifestar suas opiniões e de agir de forma descontraída e natural nas dependências da faculdade. Tomada por sentimentos de ansiedade, angústia e tensão, a vítima prefere calar-se ou isolar-se dos demais, como forma de minimizar seu sofrimento. (SILVA, 2010, p.151 e 152)

Um fato preocupante é de que os calouros que se sentem mais afetados com o trote afirmam que não pretendem reproduzir o que passaram com os veteranos enquanto ainda são calouros, entretanto na prática quando passam a ser os veteranos, a reação costuma ser a mesma de seus antecessores, sendo assim um ciclo vicioso.

Assim, entendo que o trote no ambiente universitário pode ser considerado, como uma espécie de “porta de entrada” para as ações do *bullying*, já que ele por si só não acontece diversas vezes com uma determinada pessoa, mas frequentemente desencadeia ações futuras.

Atualmente, diante de alguns casos de alunos que sofreram com os trotes e que tiveram grande repercussão, como mortes, ou que foram parar na justiça com processos, diversos cursos de variadas Universidades já proibiram os trotes, ou

estão tentando implantar, por exemplo, o “trote solidário”, sendo uma forma de efetuar ações que possam beneficiar alguma instituição, comunidade, pessoas, etc; mudando o foco das ações constrangedoras para um bem comum.

1.3 Violência no ambiente de trabalho – Assédio moral

O assédio moral apresenta-se como uma das diversas variações do tema principal abordado, a violência.

Marie- France Hirigoyen (*apud* MOREIRA, 2010, p.33), pesquisadora, psiquiatra e psicanalista francesa, define o assédio moral dessa maneira:

Toda e qualquer conduta abusiva (gesto, palavra, comportamento, atitude...) que atente, por sua repetição ou sistematização, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho. É um fenômeno destruidor do ambiente de trabalho, pois não só diminui a produtividade, como também favorece o absenteísmo, devido aos desgastes psicológicos que provoca. (MOREIRA, 2010, p.34)

O assédio moral é um fenômeno antigo, desde a existência das primeiras relações de trabalho. No Brasil, esse debate vem alcançando mais visibilidade e espaço atualmente, com alguns estudos sobre a área que apontam “que o terror ou a pressão psicológica constituem a forma mais frequente pela qual o assédio moral é exercido em nosso país.” (SILVA, 2010, p.146). O que demonstra o uso do poder pelos superiores para assediar seus subordinados.

Silva (2010) ainda sinaliza alguns pontos mais comuns utilizados para constituir o assédio moral, dentre outros, estão: comentários depreciativos quanto à sexualidade, à raça, ao credo, ao modo de ser, de andar ou de falar de determinado funcionário; humilhações e críticas públicas; agressões verbais; olhares e risadinhas

depreciativas e ameaças constantes de demissão ou desvio de função para cargos hierarquicamente inferiores.

Assim entende-se o fenômeno tal qual o *bullying*, com o diferencial do ambiente que ocorre, e pelas diferentes relações de poder que ali estão presentes. Uma vez que no assédio moral utiliza-se de uma posição hierárquica efetivamente superior para destratar, menosprezar, quem está em posição inferior. Sendo importante ressaltar que as atitudes geram além dos problemas no psicológico das pessoas, consequências em seu ambiente de trabalho, pois o assédio acontece em meio às formas de desvalorização e ações para que a pessoa seja prejudicada e/ou diminuída, sendo ações provocativas e com intenção de humilhar.

Capítulo 2 - Caracterizações e distinções do tema

Bullying: "uma brincadeira" que deve ser levada a sério

Se eu inicio meu trabalho apresentando/ descrevendo o *bullying* como uma brincadeira, como e por que realmente levá-lo a sério?

É nesse momento de questionamento que vem a tona a importância de trabalhar o tema. Saber o que é, e em que ponto uma brincadeira não mais assim deve ser tratada.

Brincadeira / zoação é algo que é engraçado para ambas as partes, que diverte, demonstra intimidade e principalmente, não ofende. Quando se chega nessa linha tênue é hora de parar e refletir sobre alguns aspectos.

O outro está sofrendo? Essa "brincadeira" está persistindo dias a fora? Até que ponto deixa de ser engraçado para ser ofensivo?

Essas são apenas algumas questões dentre inúmeras a serem tratadas quando iniciamos a discussão sobre a temática.

A palavra *bullying*, tornou-se mais conhecida do grande público a pouco tempo, pois como todos sabem o fenômeno sempre existiu, sendo que sem uma nomenclatura própria. Eram ações que acabavam sendo vistas de maneira separada, e assim a dimensão real e o tamanho do problema não eram compreendidos. Sendo muitas vezes tratados como algo menor, e sem desdobramentos futuros, uma vez que não haviam sido estudadas.

2.1 Aproximando-se dos conceitos

Nogueira (2009) destaca que há uma referência no *site* da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) que assim define *bullying*:

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (NOGUEIRA, 2009, p.35).

O termo é empregado para classificar comportamentos violentos no ambiente escolar e acontece tanto por parte de meninos quanto de meninas. São atitudes executadas dentro de uma relação desigual de poder, apesar de ser praticado entre iguais, os estudantes. São indivíduos que se sentem mais prestigiados e/ ou respeitados, e por isso usam do “poder” quem tem com os demais para agredir aquele próximo que percebe ser mais frágil.

Essa relação desigual acontece devido a vários fatores, como a aparência pessoal, orientação sexual, etnia, nível de renda, religião, local de moradia ou qualquer outro fato que o *bully* tenha tomado ciência e acredite que a pessoa possa ser inferiorizada, fazendo assim com que tais características possam ser tornadas públicas e usadas de maneira negativa.

Essa construção do “inferior” e “superior” é criada tanto pela sociedade, através das suas construções dos padrões de beleza, sociais e de comportamento, quanto pelos pais na educação familiar.

Portanto, os atos repetidos entre iguais e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

As vítimas mais comumente escolhidas são crianças e adolescentes inseguros, tímidos, com dificuldades de comunicação e de construir relações de amizade; que não se encaixam nos padrões convencionais de beleza ou se vestem de modo muito diferente dos demais; que se sentem inadequados ou afetivamente carentes. (MALDONADO, 2011, p.18)

Sandro D'Amato Nogueira (2009) demonstra que como na língua portuguesa não existe uma palavra que expresse todas as situações possíveis *do bullying*, são relacionadas algumas ações que podem estar presentes: colocar apelidos, ofender, zoar, perseguir, intimidar, aterrorizar, entre outros.

Os praticantes do *bullying* são chamados de *bully/ bullies*. Estes usam principalmente uma combinação de intimidação e humilhação para atormentar os outros. Abaixo, Nogueira (2009) identifica alguns exemplos das técnicas de *bullying*:

Insultar a vítima; acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada. Ataques físicos repetidos contra uma pessoa, seja contra o corpo dela ou propriedade. Interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas etc. Espalhar rumores negativos sobre a vítima. Fazer com que a vítima faça o que ela não quer, valendo-se de ameaças para se assegurar que esta seguirá às suas ordens. Fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa (particularmente a mãe), sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade depreendida da qual o *bully* tenha tomado ciência. Isolamento social da vítima.

Usar as tecnologias de informação para praticar o *cyberbullying* (criar páginas falsas sobre a vítima em sites de relacionamento etc.).

Chantagem. Expressões ameaçadoras. Usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora) enquanto assegura o controle e a posição em relação à vítima (isto ocorre com frequência logo após o *bully* avaliar que a pessoa é uma vítima perfeita (NOGUEIRA, 2009, p.33 e 34).

Como explica Ana Beatriz Barbosa Silva (2010) essa versatilidade de atitudes maldosas pode se expressar das mais variadas formas, listadas a seguir e denominadas da seguinte maneira:

Quadro 1: Tipos de *Bullying*

Tipos de <i>Bullying</i>	Manifestações
VERBAL	Insultar Ofender Xingar Fazer gozações Colocar apelidos pejorativos Fazer piadas ofensivas “Zoar”
FÍSICO E MATERIAL	Bater Chutar Espancar Empurrar Ferir Beliscar Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima Atirar objetos sobre a vítima
PSICOLÓGICO E MORAL	Irritar Humilhar e ridicularizar Excluir Isolar Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso Discriminar Aterrorizar e ameaçar Chantagear e intimidar Tiranizar Dominar Perseguir Difamar Passar bilhetes e desenhos entre colegas de caráter ofensivo Fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre os meninos)
SEXUAL	Abusar Violentar Assediar Insinuar
VIRTUAL	Direto Indireto

Fonte: Tabela elaborada a partir dos itens apresentados pela autora Ana Beatriz Barbosa Silva (2010)

Apesar de não existir muita diferença nos atos entre o masculino e feminino, algumas pesquisas apontam que existem algumas distinções. O praticado por

meninos é mais direcionado, verbal, com contato físico, atos mais abertos e agressivos.

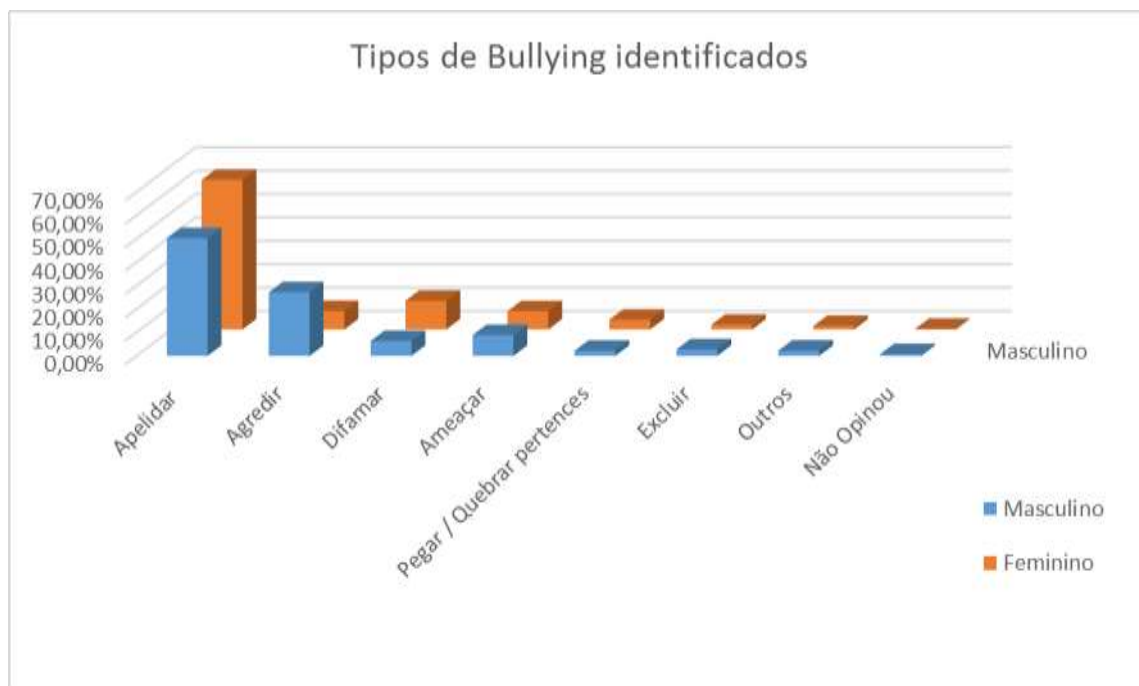
Há autores de *bullying* que só conseguem exercer seu poder com a força do braço porque não desenvolveram a força da palavra para aprimorar seus argumentos e sua capacidade de persuadir os outros a aceitarem suas ideias. (MALDONADO, 2011, p.25)

Já a prática recorrente das meninas é o indireto, como o *cyberbullying*, onde existem fofocas, intrigas, deslealdade, traição. É muito perverso, pois são agressões mais pensadas, direcionadas, envolvendo histórias ocorridas que são espalhadas e/ou inventadas.

O *bullying* praticado por garotas costuma ser mais insidioso, mas não por isso menos cruel. Fofocas, comentários maldosos e boatos espalhados pela rede de relacionamentos com o objetivo de destruir a reputação da pessoa atacada e “reduzi-la a pó” são formas comuns de ataque (...). (MALDONADO, 2011, p.27)

Gráfico 1: TIPOS DE *BULLYING* IDENTIFICADOS

O gráfico a seguir refere-se a pesquisa da ABRAPIA que foi realizada entre dezembro de 2002 e março de 2003, com alunos de 5ª à 8ª série de 11 escolas no estado do Rio de Janeiro, sendo 9 públicas e 2 particulares. Os dados reforçam as informações ditas anteriormente, apontando que na prática os dois principais tipos de *bullying* são apelidar e agredir. Apelidar aparece com 54,2% do total. Sendo deles 64,0% praticados pelo sexo feminino, e 50,4% pelo sexo masculino.



Tipos de Bullying			
	Masculino	Feminino	Geral
Apelidar	50,4%	64,0%	54,2%
Agredir	27,2%	7,9%	16,1%
Difamar	6,4%	12,3%	11,8%
Ameaçar	8,9%	7,8%	8,5%
Pegar / Quebrar pertences	2,2%	4,2%	4,7%
Excluir	2,8%	2,0%	2,5%
Outros	2,3%	1,5%	2,0%
Não Opinou	0,8%	0,3%	0,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa ABRAPIA 2002/ 2003

O *cyberbullying* é assim denominado quando utiliza-se dos modernos instrumentos da Internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, com o intuito de maltratar, humilhar, constranger em uma forma de ataque perversa que ultrapassa o universo escolar, com dimensões incalculáveis.

É o chamado “fenômeno sem rosto”, pois o autor se esconde através do anonimato espalhando boatos terríveis sobre os colegas e/ ou familiares além de atingir até mesmo os profissionais da escola. Mensagens instantâneas são lançadas

pela Internet e/ou pelo celular, sempre com o autor se passando por outra pessoa com apelidos para não se identificar e assim ele pode propagar as intrigas sem ter a identidade revelada.

As ferramentas usadas são diversas, como Blogs criados para humilhar, além de se utilizar também dos sites de relacionamento, como Orkut e MySpace, citados por alguns autores, e atualmente é nítido o mesmo acontecendo em outros meios criados mais recentemente como o Facebook e Twitter, com um número que cresce significativamente de usuários, e com isso a proporção que se alastram é cada vez maior, expondo os colegas de forma vexatória e muitas vezes com danos irreparáveis à vida daquela pessoa. Além disso, outra prática é alterar fotos das vítimas com montagens constrangedoras, sendo que essas imagens muitas vezes são divulgadas em sites ou espalhadas em material impresso colocadas inclusive em ambientes do estabelecimento educacional, preferencialmente visitados com mais frequência pelos alunos, como banheiros, sem que a vítima saiba. Quando ela descobre já é tarde e esse material já foi divulgado para muitas pessoas.

Os sites de relacionamento Orkut e MySpace são usados para promover ataques vexatórios com o intuito sórdido de excluir os agredidos dessas comunidades virtuais. Comentários racistas, preconceituosos, sexistas são feitos de forma totalmente desrespeitosa e, muitas vezes vêm acompanhados de fotografias alteradas das vítimas em montagens constrangedoras e bizarras. (SILVA, 2010, p.127)

Em alguns casos também a vítima tem o seu e-mail invadido pelo agressor, que se fazendo passar por ela, envia mensagens, com conteúdos difamatórios, com gravíssimas consequências para amigos e familiares. Ou seja, não existe só um meio utilizado, são diversos e que acabam tornando difícil o controle por parte dos responsáveis e educadores.

O *cyberbullying* se diferencia do *bullying* pelos métodos utilizados pelos praticantes. O *bullying* é um fato que ocorre em tempo real, já o *cyberbullying* acontece no mundo virtual. No *bullying* existe a facilidade de se conhecer o agressor e saber com quem está lidando, já no *cyberbullying* o agente é anônimo e se esconde atrás de nomes e figuras fictícias passando-se por terceiros. Suas vítimas sentem muito medo, raiva por esse tipo de agressão e vivem desconfiadas e cautelosas, tentando descobrir quem poderia ter feito essa covardia, ou quem poderá fazer, pois estão sempre em estado de atenção.

Outra diferença importante é que, no ataque presencial, o autor é conhecido; no *cyberbullying*, pode acontecer que o agressor nunca esteja no mesmo espaço físico que sua vítima e consiga permanecer anônimo por muito tempo, atacando em momentos inesperados, por vezes de madrugada, sobressaltando a vítima que está dormindo. A própria casa ou o quarto aconchegante deixam de ser um lugar seguro. A impressão é de um atentado terrorista: a face do inimigo está oculta, não se sabe quem é, e nem quando ou de onde partirá o ataque seguinte. (MALDONADO, 2011, p.63)

2.2 Histórico

Ana Beatriz Barbosa Silva (2010) ressalta que o *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição intitulada escola. Porém, o assunto só passou a ser produto de estudo científico no início dos anos 1970, que apesar dos educadores terem ciência do fenômeno até então não era uma área de estudo ainda. Tudo iniciou-se na Suécia, onde a inquietação tornou-se presente na sociedade diante da violência frequente entre os estudantes, e as consequências que vinham ocorrendo, e agravando-se com o passar dos tempos. Então em algum tempo, a mesma atenção se espalhou por todos os outros países escandinavos. Segundo a autora:

Na Noruega, o *bullying* foi, durante muitos anos, motivo de apreensão entre pais e professores que se utilizavam dos meios de comunicação para expressar seus temores e angústias sobre os acontecimentos. Mesmo assim, as autoridades educacionais daquele país não se pronunciavam de forma oficial e efetiva diante dos casos ocorridos no ambiente escolar.

No final de 1982, um acontecimento dramático começou a reescrever a história do *bullying* naquele país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus-tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola. Em resposta à grande mobilização nacional diante dos fatos, o Ministério da Educação da Noruega realizou, em 1983, uma campanha em larga escala, visando ao combate efetivo do *bullying* escolar. (SILVA, 2010, p.111)

Olweus (*apud* Silva, 2010), pesquisador da Universidade de Berger, Noruega, iniciou um estudo sobre o tema com o seguinte propósito:

Nessa época um estudo que reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos. Todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil, a representantes desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal de Olweus era avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o *bullying* se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país. (SILVA, 2010, p.111)

Um programa de intervenção antibullying, que recebeu apoio do governo, onde tinha como objetivo aumentar a conscientização diante do problema, e desmistificar as ideias e mitos que as pessoas tinham sobre o assunto, e também oferecer apoio e proteção para as vítimas que sofreram com a violência, foi uma das constatações e respostas advindas desse estudo, com alguns dados explicitados pelo autor expressos a seguir:

O estudo constatou que um em cada sete alunos encontrava-se envolvido em casos de *bullying*, tanto no papel de vítima como no de agressor. Essa revelação mobilizou toda a sociedade civil e deu origem a uma campanha nacional *antibullying*. (...) Em pouco tempo, houve uma redução em cerca de 50% dos casos dessa prática escolar. O sucesso de tal iniciativa foi tão grande que desencadeou, de forma imediata, a promoção de campanhas *antibullying* em outros países (...). (SILVA, 2010, p.112)

No Brasil ainda é novo o campo de estudo e atenção exclusiva atribuídos ao

tema, assim não existe um indicador geral para que possa ser comparado aos demais países. Apesar de haver sim algumas pesquisas e o número delas ter crescido significativamente junto dos profissionais atentos e empenhados com a questão, não há um grande interesse de investimento por parte do governo e/ou participação até dos profissionais que estão no meio escolar lidando diretamente com os problemas, que muitas vezes consideram as atitudes “normais”, “coisa de criança e adolescente”, e assim ficam sem saber o que fazer, ou acham que não precisam intervir.

Como ainda não há uma lei federal para o combate ao *bullying* (alguns estados e municípios adotaram suas próprias legislações, com ações educacionais e/ ou ações de combate e prevenção), acentua-se a importância de todas as pessoas envolvidas na temática de Infância e Juventude terem conhecimento e proximidade com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Uma vez que a partir dele é possível refletir, orientar-se e ter informações sobre as consequências diante de uma determinada situação, e sendo amparado pelo Estatuto. E essa não é tarefa exclusiva para um, todos envolvidos devem ter entendimento, pais, professores, alunos e demais profissionais que lidam com as crianças e adolescentes.

Podemos observar que o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê, de forma clara, medidas protetivas e socioeducativas a jovens (menores de 18 anos) que cometam atos infracionais.

Quando ocorrer lesão corporal, calúnia, injúria ou difamação, os pais ou responsáveis devem registrar o fato em uma delegacia de polícia, através de um boletim de ocorrência. Nos casos mais graves, se a escola não informar o Conselho Tutelar, poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvem atos infracionais (ou ilícitos), a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial. (SILVA, 2010, p.168)

Entre algumas outras Instituições, ou profissionais que estudaram o tema por meio de pesquisas, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) empenha-se em estudar, pesquisar e divulgar sobre o

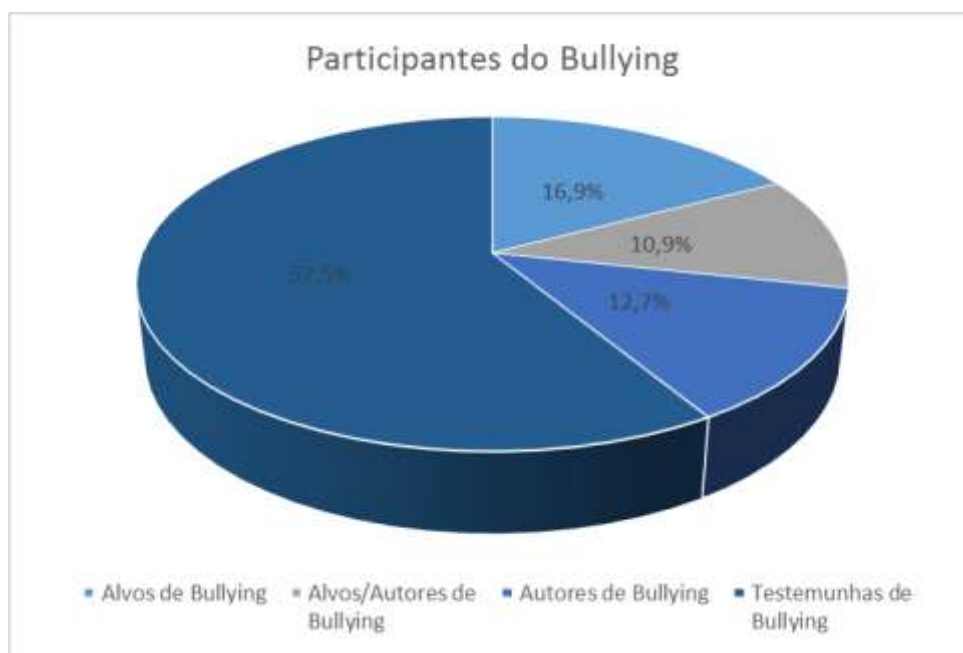
fenômeno, com um estudo feito no período de 2002 e 2003, com alunos de 5ª à 8ª série em escolas públicas e particulares distribuídas no estado do Rio de Janeiro. Durante este trabalho apresento alguns desses resultados por meio dos gráficos. Já que essa pesquisa foi de grande abrangência, e muito significativa na temática, usei de seus dados para expor e exemplificar em meu trabalho.

É importante ressaltar que o *bullying* acontece em todas as escolas, independente de ser pública ou particular, localização, tradição e diversos outros fatores, considerados por alguns como algo que o faça ser eliminado. Uma informação alarmante e importante é a de que as escolas públicas estão muito mais preparadas do que as particulares, isto ocorre devido as particulares tentarem negar a existência do *bullying* em seu meio, o que é inverídico, pois em maiores ou menores proporções ele sempre se faz presente. Já as escolas da rede pública tem um contato mais estreito com o Conselho Tutelar, por exemplo, para o subsidiar e encaminhar os alunos. No entanto as particulares usam da negação de tal fenômeno em seus corredores para um marketing mais atrativo.

2.3 Conhecendo os personagens envolvidos

O gráfico a seguir apresenta os diferentes personagens envolvidos na prática.

Gráfico 2: PARTICIPANTES DO *BULLYING*



Participantes do Bullying	
Alvos de Bullying	16,9%
Alvos/Autores de Bullying	10,9%
Autores de Bullying	12,7%
Testemunhas de Bullying	57,5%

Fonte: Pesquisa ABRAPIA 2002/ 2003

2.3.1 Vítimas

Os alvos preferidos são crianças e adolescentes tímidos, inseguros, reservados e com algum tipo de bloqueio de comunicação ou de construir muitas amizades. Não se adequam aos padrões de beleza convencionais, não se vestem com roupas “da moda”, são afetivamente carentes e tem alguma característica que o distingue da maioria dos alunos, como usar óculos, ser gordo ou magro demais, alto ou baixo, ser negro, homossexual, entre diversas outras características que o torne alvo, por ser diferente do que é imposto pelo grupo, o que demonstra formas de preconceito, pois são banais e injustificáveis.

No entanto, a grande maioria dos episódios de *bullying* tem como raízes principais os preconceitos e as práticas discriminatórias, cujas expressões mais comuns são agressões físicas e/ou verbais, apelidos depreciativos, difamação e exclusão. (MALDONADO, 2011, p.18)

Esses protagonistas são identificados e classificados pelos papéis que desempenham como vítimas típicas, vítimas provocadoras e vítimas agressoras.

As típicas são aquelas que tem dificuldades de se impor no grupo verbal ou fisicamente, pois sua atitude natural é a de não responder contestando, o que a torna a presa elementar para sofrer os ataques. Como características são mais frágeis, o que aumenta o medo que sentem diante dos agressores, e assim tornam-se ainda mais introspectivos, pela insegurança de não saber quando poderá ser agredido.

As provocadoras são aquelas que provocam e atraem reações agressivas, mas não conseguem combater com eficácia, apesar de maneira geral brigarem ou discutirem ao serem atacadas. Outro traço próprio é que geralmente são crianças hiperativas, impulsivas, dispersas e/ou imaturas, que atraem as atenções para si,

por suas atitudes no ambiente em que estão. Por esse motivo não raramente os verdadeiros agressores ficam imunes, já que torna-se dificultoso constatar o real culpado do início da discussão.

E, por fim, as vítimas agressoras, que reproduzem os maus-tratos aturados em outros que considera ainda mais frágeis que ele próprio e assim tenta transferir o que sofreu, como uma forma de compensação. É preciso estar bem alerta para que não torne-se um ciclo vicioso e perigoso, já que as proporções atingidas podem ser incalculáveis.

Gráfico 3 REAÇÕES DOS ALUNOS ALVOS DE *BULLYING*

Os próximos dados indicam as reações dos alunos que são alvos. 49,8% dizem que não deram atenção/ ignoraram. Todas as próximas reações foram pedir que parassem, pedir ajuda, se defender. E somente as duas últimas reações são as típicas dos alunos alvos, que seriam fugir/ não ir a escola e chorar. Penso que esses dados podem revelar algumas possibilidades. Ou quem diz ser vítima e teve essas primeiras atitudes não sabe de fato o que é *bullying*, ou as verdadeiras vítimas por medo ou constrangimento não responderam a verdade, já que essas não são típicas reações.



Reações dos Alunos -Alvos	
Não dei atenção / ignorei	49,8%
Pedi que parasse	12,3%
Pedi ajuda	4,5%
Me defendi	16,7%
Fugi / Não fui a escola	3,4%
Chorei	8,4%
Outros	4,5%
Não opinou	0,4%
Total	100,0%

Fonte: Pesquisa ABRAPIA 2002/ 2003

2.3.2 Agressores

Os agressores são pessoas que desejam conseguir poder, controle e reconhecimento dos demais, independente se para isso ocorrer precisem causar sofrimento nos demais. Ele pode agir sozinho ou em grupo, mas quando é rodeado de seus “seguidores” sente-se mais forte e poderoso, e assim exerce sua capacidade de trazer novas vítimas, pois com demais pessoas ao seu lado o seguindo sente-se com um reforço maior, e assim precisa exhibir o que sabe fazer.

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. (SILVA, 2010, p.43)

Esses agressores vitimizam os que consideram mais fracos, pois normalmente ele é mais forte que seus “seguidores” e que suas vítimas em especial. Pode ser mais velho ou ter a mesma idade que os demais, e pode ser fisicamente mais forte. Gosta de se engrandecer de uma superioridade que pode ser real ou fantasiosa, e custa adaptar-se as normas, não tolerando ser contrariado. Entretanto, acima de tudo com essas características precisa impor o poder e ameaça para conseguir aquilo que quer.

Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. (SILVA, 2010, p.43)

2.3.2 Espectadores

Este sujeito é aquele que não sofre nem pratica o *bullying*, no entanto o presencia, fato que colabora com o crescimento da violência, uma vez que indiretamente o está incentivando. Nos ambientes que ocorrem são a maioria, que são os que assistem sem juntar-se aos agressores, e nem tampouco aos agredidos.

Podem ser classificados como passivos quando ainda que discordem do que estão testemunhando, não vão em defesa da vítima, uma vez que tem receio de tornarem-se os próximos agredidos. Já os ativos são aqueles que mesmo não agindo diretamente nos ataques demonstram um certo “apoio moral”, ou com palavras de incentivo ou com risadas, já que a situação é divertida e confortável para eles.

Por fim, os neutros são os que assistem, e tem a situação como algo indiferente, não tendo sensibilidade pelo ocorrido.

Gráfico 4: SENTIMENTOS ADMITIDOS PELOS ALUNOS TESTEMUNHAS

Esses dados mostram os sentimentos dos alunos testemunhas. 33,4% diz que ficou com pena, 26,5 % se sentiu mal e 12,4% teve medo que acontecesse com ele. O “poder” do agressor aqui mais uma vez fica claro, quando demonstrado que a maioria não concorda ou se incomodou, mas prefere se abster por medo.



Sentimentos dos alunos-testemunhas	
Me senti mal	26,5%
Medo que acontecesse comigo	12,4%
Me senti triste	7,7%
Fiquei com pena	33,4%
Fiquei com pena do agressor	2,4%
Fingi que não vi	5,3%
Não me incomodou	8,1%
Me senti bem	4,2%
Total	100,0%

Fonte: Pesquisa ABRAPIA 2002/ 2003

Capítulo 3 - Casos distintos em meio ao fenômeno

Diante de todas as questões já vistas, decorrentes da prática do bullying, chega-se a algumas importantes indagações. O que fazer para seu enfrentamento? Que medidas tomar?

Inicialmente é importante admitir que o problema existe, já que em muitos casos ele é ignorado e também que não existem fórmulas prontas para acabar com tal situação.

As autoras Cleo Fante (2005) e Ana Beatriz Silva (2010) apontam um dado interessante em seus estudos, o fato de muitas escolas negarem que exista *bullying* em suas dependências. Algumas fazem disso uma espécie de “marketing”, o que é totalmente equivocado, pois se existem relações sociais nesse meio, então o *bullying* vai sim existir, como sempre existiu. O que muda é a maneira como cada escola lida com os casos, algumas mascarando e/ou ignorando, e, de certa forma, agravando a situação tornando assim os casos até piores, e outras buscando prevenir e conscientizar seus alunos.

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem as séries iniciais ou finais, de ser escola pública ou privada. Isso significa que o *bullying* acontece em 100% das nossas escolas. (FANTE, 2005, p.61)

Assim sendo, o interesse e o esforço de cada profissional envolvido no meio é fundamental na abordagem do *bullying*, já que não existe um diagnóstico do aluno que “tem *bullying*”. Desta forma, algumas vezes o que o professor não consegue observar na sala de aula, pode ser notado pelo inspetor no intervalo, por exemplo, e a ação conjunta dos agentes envolvidos é fundamental no trabalho com esses

indivíduos. Indiscutivelmente junto aos pais, que necessitam também estar atentos, e em contato com a escola.

3.1 Superação – Casos de Famosos

Em seu estudo, Silva (2010) aponta que diversas vítimas do *bullying* são capazes de transformar os sentimentos de dor e sofrimento vivenciados em força para se superarem. É o que ela explica como a capacidade de resiliência:

Em termos de comportamento humano, a resiliência pode ser entendida como a capacidade que um indivíduo possui de transmutar sofrimento, dor, rancor, mágoa ou raiva em aprendizado. Este, por sua vez, é capaz de gerar soluções que o fazem superar problemas e traumas surgidos pelas agressões do *bullying*. Existem frases que definem bem os indivíduos resilientes: 'Aquilo que não me mata só me fortalece', do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, ou "O guerreiro está ferido, mas não está morto!", de Ronaldo, o Fenômeno. (SILVA, 2010, p.76)

De maneira exemplificada, seria como o elástico, que ao ser disparado pega impulso, e atira com força total, voltando mais forte do que era a princípio. Entender que as marcas do sofrimento vivido pela vítima não serão apagadas é um elemento básico para seguir em frente, a cicatriz vai existir sim e tentar esquecer é um equívoco. Por isso mais uma vez é considerável ressaltar a relevância de profissionais capacitados para trabalhar essas questões com todos os envolvidos. O importante é como será o futuro, já que nele podemos trabalhar, e do passado ficam as experiências.

Não existe sucesso ou qualquer outra realização material ou profissional que apague o sofrimento vivenciado por uma criança ou um adolescente afetado pela violência do *bullying*. Todos carregaram consigo a cicatriz dessa triste experiência, e a marca tende a ser mais intensa quanto mais cedo ela ocorre (infância) e por quanto tempo ela persiste. (SILVA, 2010, p.82)

A seguir visitaremos alguns casos de celebridades que já assumiram ter sofrido *bullying* e deram declarações sobre o assunto.

Michael Phelps, atleta jovem de grande prestígio é um exemplo. Aos 23 anos o jovem de pais divorciados, e que foi criado pela mãe, conquistou títulos e recordes. Ainda em sua infância, foi diagnosticado com TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), sendo até estigmatizado pelos próprios professores, devido sua falta de concentração e atenção nas tarefas escolares.

Sua forma física também era algo que o fazia ser motivo de chacota com os colegas. Com todas essas características, se torna o alvo ideal e característico para sofrer com a ação do *bullying*.

Outra situação constrangedora ocorreu aos 11 anos. Durante uma competição de natação, alguns meninos tentaram mergulhar sua cabeça na privada. Ele conseguiu escapar e saiu do banheiro aos prantos. 'A raiva formou-se em meu interior e, embora não tivesse comentado nada sobre o assunto com ninguém, usaria essa raiva como motivação, em especial, na piscina', descreve Phelps em Sem Limites, seu livro autobiográfico. (SILVA, 2010, p.92)

Foi no esporte que o atual atleta encontrou estímulo, e conseguiu direcionar suas forças, tornando-se o fenômeno conhecido mundialmente e que conseguiu superar o que vivenciava nos seus dias de escola.

Outro exemplo é o de uma atriz conhecida pelo grande público, Kate Winslet, protagonista do famoso filme Titanic.

Na fase escolar enfrentava problemas com seu peso, o que não a tornava muito popular, e por isso recebia apelidos insultuosos.

'Outras meninas me provocavam terrivelmente. Eu simplesmente abaixava a minha cabeça e aceitava isso. Esse era o meu jeito de sobreviver', declarou Kate, em dezembro de 2006, à Parade Magazine. Suas colegas também diziam que os garotos não se interessariam por ela. (SILVA, 2010, p. 94)

Kate focalizou suas forças para a arte, por ser filha de atores já tinha proximidade com a área, e então estreou no cinema, seguido por diversos filmes de sucesso, e ganhando prêmios por sua brilhante atuação.

Em uma entrevista à revista Marie Claire britânica, em 2009, no auge do sucesso, da beleza e em paz com sua aparência, Kate falou novamente sobre as provocações que recebeu na escola: 'Sofri *bullying* por ser gordinha. Onde estão eles agora?' (SILVA, 2010, p. 94)

O ator Tom Cruise também passou por situações parecidas. Logo na infância foi diagnosticado com dislexia, sendo estigmatizado e rotulado pelos colegas, o que o tornava introvertido pelos constrangimentos que passava. Sua baixa estatura era mais um fator que o marcava e criava situações constrangedoras em meio à escola.

Por diversas vezes, na escola, foi intimidado e empurrado por valentões bem maiores do que ele. Isso fazia seu coração disparar e tinha vontade de vomitar. Sentia-se excluído, sozinho, e ansiava em ser aceito. 'Eu não tinha um amigo mais próximo, alguém com quem pudesse me abrir e em quem pudesse confiar. Eu era sempre a criança recém-chegada, com o sapato errado, com o sotaque errado.', declarou à revista Parade, em setembro de 2006. (SILVA, 2010, p. 95)

Evidentemente, esses são exemplos que tiveram um desfecho ideal, o que não necessariamente quer dizer que a pessoa precisa se tornar alguém famoso para superar o trauma vivido, até porque essa seria uma solução que nunca se aplicaria a todos, são exceções em meio a tantos outros. Primeiro porque nem todos tem algum dom de fato para as artes, esportes e afins; e segundo que nem sempre a pessoa mesmo tendo habilidade no que faz consegue alcançar sucesso e visibilidade profissional com isso.

Com isso, a orientação é sim de tentar desenvolver alguma aptidão que esse jovem já tenha, lembrando mais uma vez da importância da escola nesse trabalho, onde os profissionais estão lidando diretamente com eles, e podem perceber mais

claramente. Mas também ressaltando que esse pode ser o início de um trabalho, e não toda uma solução.

Bem estar e satisfação pessoal, são propósitos a se buscar, e não o sucesso em si, pois essa poderia ser mais uma forma de desapontamento, com uma pessoa que já está fragilizada por todos os eventos que vem passando e enfrentando ao longo de sua vida.

Em momento algum em meu trabalho pretendo conduzir a superação do *bullying* apenas por esses casos descritos por personalidades conhecidas do grande público. Pretendo meramente propor e expor que muitas vezes tal pessoa que é tão admirada e exaltada por muitos, é alguém comum, com fragilidades e que já passou por períodos desagradáveis, mas que sim, o desfecho pode ser positivo. Dessa forma vejo que se faz necessário exemplificar casos em que o oposto ocorreu, que veremos a seguir.

3.2 Suicídio – Casos de Repercussão na mídia

Em meio a tantas conseqüências pós traumáticas, nos deparamos com a mais trágica de todas, o suicídio. Este não representa os altos índices de pesquisa, mas existe e merece a devida atenção.

Uma das ferramentas que se tornou o principal veículo de comunicação mundial é a internet. Através dela temos acesso a infinitas informações, tornando-se um mecanismo aos que sofrem *bullying*, onde, por exemplo, podem procurar meios de ajuda quando não o tem de seus pais e profissionais do ambiente escolar, ou mesmo se envergonham de procurá-los. O que acontece é que muitas vezes o

excesso de informações leva as pessoas a terem acesso a conteúdos perigosos, quando não preparados para ter discernimento do certo e o errado.

Pelo menos 30 pessoas administram comunidades que ensinam a se matar, passo a passo. Algumas pessoas contam, em depoimentos, que não conseguiram tirar a própria vida e ainda reclamam das lavagens estomacais que tiveram de fazer após ingerir veneno e remédios. São inúmeras as páginas na internet que falam sobre como cometer suicídio, principalmente no Orkut. No ano de 2006 tivemos a história de um jovem que se matou em seu banheiro, por asfixia, e teve gente que acompanhou pela web. Ao chegarem no local o rapaz já estava morto. (NOGUEIRA, 2009, p. 59)

É comum que as vítimas passem a sentir raiva, medo, vergonha, se sintam impotentes, em meio a tudo que vem acontecendo em suas vidas. Sentimentos que mexem com a dignidade de qualquer ser humano, podendo exercer nesse misto de emoções, extremos como a idéia de vingança, ou suicídio. Já que em algum momento extremo pode parecer mais confortável a idéia de sumir, evaporar, do que continuar a viver daquela maneira que não lhe é adequada.

A seguir, exemplos de alguns eventos que tiveram a temática do suicídio envolvida em seus casos.

Edimar era o típico jovem estudante importunado por seus companheiros de classe por ser obeso. Tornou-se conhecido pela mídia não pela superação, mas sim pelo desfecho do caso, que eclodiu em sua cidade Taiúva/ SP. Apelidos difamatórios não faltavam em seu dia a dia na escola, e o menino sempre tímido e retraído não revidava aos insultos. Nada muito diferente da rotina da maioria das vítimas. “Gordo”, “mongolóide”, “elefante cor de rosa”, eram apenas alguns do que ouvia.

No dia 27 de janeiro de 2003, na pacata cidade de sete mil habitantes, Taiúva, interior do Estado de São Paulo, o jovem, que havia concluído o ensino médio, entrou na sua ex-escola durante o recreio dos alunos que estavam em recuperação, ferindo uma professora, seis alunos e o zelador. Segundo informações que obtivemos de professores, funcionários e alunos, bem como da própria mãe e, posteriormente de uma de suas vítimas que ficou paraplégico, Edimar era um garoto passivo, retraído, com poucos amigos e apresentava grandes dificuldades de se impor e de se expor perante o grupo. (FANTE, 2005, p. 40)

O jovem evidentemente passou por um sofrimento que só o próprio poderia descrever, difícil imaginar a dose de aflição que recebia todos os dias que comparecia à escola e era “zoadado”. Sem um acompanhamento profissional e disposto a “dar o troco”, essa foi a resposta que resolveu propiciar. Puniu, e após puniu-se por todos os longos anos que sofreu. Após o episódio na escola Edimar cometeu suicídio, foi a única vítima fatal.

Denilton é outro caso, introvertido, acanhado, e excluído dos grupos formados pelos alunos, em certo momento quis cessar as humilhações vividas. Foi à ex-escola procurar seus agressores, e não os encontrou, indo então diretamente à casa de um deles, onde o assassinou. De volta à escola e com o fracasso de sua ideia de encontrá-los, feriu mais três pessoas e matou uma funcionária, sendo após isso impedido de continuar por outros presentes.

Em seu depoimento, o adolescente deixou claro o grau de sofrimento e os traumas que foram criados em seu psiquismo por causa dos anos de humilhações na escola. Sua intenção era cometer uma chacina, tendo planejado matar mais de cem pessoas. Com essa tragédia, disse que ficaria famoso na cidade de Remanso por cem anos e seria lembrado como ‘terrorista suicida brasileiro’, uma vez que a ideia de suicídio o acompanhava desde os 15 anos. (FANTE, 2005, p. 42)

A idealização do suicídio era clara em sua cabeça, queria matar quem o fez sofrer, e após se suicidar, em suas palavras diz que queria ficar famoso. Queria provar a todos que se vingou por tudo que ocorreu em sua vida, e que era capaz sim de se impor.

O que muitos não sabem é que tentar o suicídio pode sim ser uma maneira de querer “chamar atenção”, atenção para que algo não está indo bem e ele precisa de ajuda, APTER 2004 afirma: “O suicídio é as vezes chamado de grito de socorro. Isso significa que a pessoa tenta se matar mas na verdade não deseja morrer.” É um grito em silêncio.

Esse é um ponto que demonstra claramente o quanto o *bullying* merece atenção, e já passou da hora de deixar de ser visto como algo banal. É uma consequência extrema, e que pode atingir a todos envolvidos do meio, não só o protagonista. Já que em muitos casos a pessoa antes de se suicidar quer ver feita a “justiça”, e consequentemente vai atrás de seus agressores.

Minha finalidade ao expor esses casos não é tratar deles em si, já que ao navegar pela internet a facilidade de acesso a inúmeros outros de grande repercussão é rápida e simples, apenas os expus como meras amostras.

Necessito apontar também que muitas situações atualmente divulgadas, e diversos de maneira sensacionalista pela mídia, são de jovens que sofreram *cyberbullying*, pois como já apontei anteriormente a internet vindo sendo acessada e usada de maneira muitas vezes desenfreada. Consequentemente são recorrentes episódios de fotos íntimas divulgadas em sites, redes sociais, e outros meios. Como também de vídeos de sexo, relação entre homossexuais não assumidos. Todos esses eventos são íntimos e dizem respeito somente aos envolvidos, ao serem expostos “para todos” são recebidos de maneiras diferentes. Salientando que diversos episódios são o estopim na prática mais agressiva do *bullying*. Ou por um dos agressores ser quem divulgou, ou por ele usar desse fato repetidamente para constranger sua vítima.

Considerações Finais

O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução. Contudo, erradicar não pode ser tida como possibilidade, pois como todo problema social, ele irá sempre existir. A busca por minimizar os danos causados a todos os envolvidos é algo a ser trabalhado no meio escolar, mas o primordial é reconhecer que o problema existe, e que suas conseqüências podem ser muito graves.

Entendemos que a escola tem o dever de prevenir o fenômeno violência que se desenvolve em seu contexto, e de intervir impedindo a sua proliferação. Entretanto, para que isso aconteça, seus profissionais devem ser capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais, promovendo a solidariedade, a tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolvam toda a comunidade escolar. (FANTE, 2005, p. 168 e 169)

A maneira como o *bullying* vem sendo tratado requer maior atenção ao assunto. Os noticiários, jornais, internet, transmitem quando acontece alguma tragédia que tenha relação com o assunto, e pouco é feito de fato, ao contrário, suas conseqüências tomam proporções cada dia maiores.

É preciso extrapolar o espetáculo midiático e reconhecer esse fenômeno como uma modalidade da violência, presente dentro do espaço escolar e que demanda ações através das políticas setoriais.

Expor o fenômeno por si só, sem uma análise sobre, não implicará em mudança, dado que, muito do que se aborda é de maneira superficial e a tratar o caso por si só, de maneira a culpabilizar tal indivíduo pelo evento em si que ocorreu, esquecendo que o problema não vem de agora, e sim de uma pessoa que sofreu durante bastante tempo em diversos eventos que sofreu, e somatizou tudo. Assim sendo, cabe a escola, que é o local onde o *bullying* se inicia preparar e capacitar seus profissionais para reconhecer e enfrentar em seu dia a dia, juntamente com os pais/ responsáveis que precisam reconhecer também quando há um problema.

Acontece que na prática acaba acontecendo um jogo de empurra entre a escola e os pais/ responsáveis, onde um supõe que o outro tem a obrigação de lidar e resolver o problema. Os pais/ responsáveis acham que a escola precisa ter preparo para não haver *bullying* em suas dependências, e a escola presume que os alunos devem vir de casa “educados”, tanto para não serem agressores, como para não serem agredidos.

Entendo, que não se trata de culpar o professor, orientador, inspetor, ou qualquer outro profissional que não notou que algo não ia bem com determinado aluno, ou achou que se tratava de “brincadeira” entre amigos, sabemos que esses profissionais em sua grande maioria enfrentam turmas lotadas, em condições precárias, são mal remunerados, mas um problema dessa amplitude precisa ser notado.

Mais uma vez reforço, são atitudes repetidas e onde a pessoa que passa sofre, o sofrimento sempre é nítido se não por um grito de socorro, por mudanças de comportamento, faltas, entre muitas outras características que apontam, o pedido de socorro sempre é feito, mesmo que de maneira silenciosa.

As lutas travadas pelo reconhecimento da Educação como direito social, a revelam como expressão da questão social. Sendo assim, outros fenômenos desse embate são reconhecidos dentro dos espaços educacionais de níveis Fundamental, Médio e Superior, como: uso de álcool e drogas; a incidência de DSTs/Aids e as múltiplas manifestações da violência, como o *bullying*.

Frente a um contexto social cada dia mais complexo, a escola precisa se aliar às demais políticas, para a efetiva garantia de direitos e proteção integral de nossas crianças e adolescentes, conforme determina o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). (SCHNEIDER & HERNANDORENA, 2012, p. 9)

Em se tratando do fenômeno do qual abordei durante meu trabalho, os assistentes sociais podem contribuir para a sua prevenção e enfrentamento nas escolas, junto à uma equipe interdisciplinar. A interdisciplinaridade é fundamental nesse processo, e deve ser entendida, sob o âmbito da intensidade das trocas entre especialistas e a integração de disciplinas num mesmo projeto, uma vez que diferentes profissionais em conjunto no ambiente escolar tem a possibilidade de olhares diferentes sobre uma mesma situação, além do contato diferenciado que cada um tem com os alunos.

A posição que esse profissional ocupa na sociedade é tão dinâmica quanto as relações sociais. Ou melhor, acompanha a dinamicidade do real. Assim, refletir sobre a prática do Serviço Social, e suas possibilidades de contribuição junto às demais áreas de saber torna-se um exercício permanente. Diante de novos cenários o fazer profissional necessita de uma nova posição, e por consequência essa nova posição precisa ser abstraída e concretizada. Os pontos-chave para a ação passam pelo âmbito da interdisciplinaridade, da intersetorialidade e da produção de conhecimento. Essas discussões possibilitam superar conflitos, e diminuir a distância entre os diferentes profissionais. (SCHNEIDER & HERNANDORENA, 2012, p.8)

A dimensão socioeducativa, o acúmulo teórico-metodológico e técnico operacional do Serviço Social são caminhos férteis para a prevenção ou resolução desse fenômeno. Compreende-se aqui, que os assistentes sociais podem contribuir para extrapolar a concepção de um modismo midiático, para a compreensão do *bullying* sob a luz das políticas sociais, principalmente no campo da Educação.

O objetivo da atuação não pode ser para o assédio momentaneamente, de maneira rasa, mas sim gerar capacidade de enfrentar situações futuras que poderão ser enfrentadas por toda a vida. Assim sendo, projetos de prevenção junto aos alunos e aos professores e funcionários a fim de cultivarem atitudes de respeito e tolerância são primordiais, dado que a prevenção minimiza futuras ações.

A intervenção junto às famílias tem grande significado, para que tenham intimidade com o ambiente escolar, que sejam próximos de seus filhos para abordarem e serem capazes de identificar esse processo. É necessário que os pais venham a buscar auxílio profissional para a intervenção nas situações do *bullying*, reforçando a auto-estima e orientando os jovens a enfrentarem a dificuldade ao invés de trocá-los de escola, o que muitas vezes ocorre e não elimina a questão em si.

Da mesma maneira que a vítima demanda intervenção, tanto o agressor, como também os espectadores necessitam. Uma vez que a ação só ocorre por ter todos esses atores envolvidos. Com isso, a atuação somente com um lado não resultaria em êxito.

O assistente social tem papel importante frente ao fenômeno, primeiramente o de reconhecer o que é e como o fenômeno se manifesta, através das vítimas, agressores e das testemunhas das agressões. Em seguida, pode elaborar projetos de medidas preventivas de cunho interdisciplinar, onde possa atuar junto com os discentes, professores, psicólogos, inspetores, etc.

Se não for discutido e minimamente trabalhado, problemas a longo prazo podem surgir, como na adolescência e/ou na vida adulta. Esses problemas podem eclodir no período de faculdade, onde “aproximadamente cinco por cento dos alunos de faculdade falam a sério de suicídio quando buscam um orientador” (APTER, 2004)

O jovem que tenta o suicídio pensa em morrer como uma forma de obter alívio daquilo que está sentindo. O que deixa as outras pessoas muito confusas é que a infelicidade do jovem não parece tão terrível. Romper com a namorada, sair-se mal numa entrevista de emprego, fracassar numa prova são pequenos solavancos numa longa jornada. (...) Até pior, ele pode ser acusado de estar querendo ‘chamar atenção’ ou ‘tentar fazer os outros se sentirem culpados’ (APTER, 2004, p. 229)

Chamar atenção é positivo, pois é justamente um alerta para o que esses jovens vem passando, e alguns não explicitam por meio de palavras. Ademais, busquei em meu trabalho expor o *bullying* como manifestação da violência, e suas ramificações, como o *cyberbullying*, assédio moral, trote universitário; todos com igual importância e conseqüências de igual dimensão.

Enfatizo que brincadeiras saudáveis entre os jovens, como em qualquer ambiente, são naturais e necessárias para as relações se manterem. Não se trata de criar pessoas “politicamente corretas”, em que existe o certo e o errado, e o que pode e não pode, visto que essa cartilha nem existiria. Contudo, trata-se de trabalhar com os alunos os limites, e o enxergar o próximo, pois um apelido por si só não ofende, a questão é como ele é dito, e com que intenção, se é de proximidade, ou de ofensa. A questão que tanto ressaltado de que brincadeira é quando ambos se divertem, é um início para pensar o próximo.

Por fim, vale mais uma vez destacar que a luta e trabalho contra a prática do *bullying* é diária pelos profissionais, que ainda lidam frente a diferentes demandas e dificuldades em seu cotidiano profissional, e frente a um contexto social complexo, muitas vezes difícil de consolidar seu próprio projeto profissional. Contudo, saliento que a garantia dos direitos e proteção das crianças e adolescentes precisa ser efetivada no ambiente educacional, assim como o ECA determina.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam & RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretária de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

APTER, Terri. **O mito da maturidade: o que os adolescentes precisam para se tornarem adultos**/ tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Estatuto da Criança e do Adolescente. 2. ed atualizado. Rio de Janeiro: Departamento Gráfico da ALERJ, 2010.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Versus Editora, 2005.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

MOREIRA, Dirceu. **Transtorno do assédio moral- bullying: a violência silenciosa**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

NOGUEIRA, Sandro D' Amato. **Crimes de informática**. 2. ed. Leme: BH Editora e Distribuidora, 2009.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Imprensa Portuguesa- Porto, 2002.

RUOTTI, Caren; ALVEZ, Renato & CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na Escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SCHNEIDER, Glaucia & HERNANDORENA, Maria do Carmo (Org.). **Serviço Social na Educação: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: CMC, 2012.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: Mentos Perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Sites:

http://www.bdt.d.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1425
http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/O_HOMOSSEXUAL_UNIVERSITARIO_E_A_SO_BREVIVENCIA_NO_ALOJAMENTO_UNIVERSITARIO_A_MARCENARIA_CONSTRUTOR.pdf

http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=19

<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>

http://www.ipub.ufrj.br/portal/index.php?option=com_k2&view=item&id=189:bullying-sempre-fruto-de-omiss%C3%A3o-i&Itemid=264

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/08/1497585-bullying-no-secret-pode-levar-a-suicidio-diz-psicanalista.shtml>